

BACURAU, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles

Mateus José Lannes Tolentino

Num futuro próximo os habitantes de uma pequenínssima cidade no interior de Pernambuco chamada Bacurau estão lá vivendo suas rotinas pouco atribuladas quando de repente a cidade é atingida por eventos que abalam completamente a paz do local. O enredo de *Bacurau* acontece no profundo da nação Brasil: um país de dimensões continentais e que como tal abriga povos, culturas e costumes diferentes; realidades, condições de vida, dificuldades e problemas diversos. Igualmente díspar é a atenção de poderosos governantes e da população em geral (é compreensível pensar que o mais emblemático, o mais notório esteticamente, o mais robusto socialmente, sejam também mais interessantes e atraentes para o gosto convencional). E assim uma parte dessa população acaba sendo deixada de lado; e de acabar sendo deixada de lado, acaba sendo desprezada; e de acabar sendo desprezada, acaba sendo esquecida — e de acabar sendo esquecida, acaba sendo abandonada. E o que é abandonado presume-se que vale pouco, ou não tem mesmo valor nenhum; nada, porém, é menos verdadeiro, e infelizmente não é o que algumas autoridades deste país pensam. Em todo caso, é bom saber que existe alguém com responsabilidade social que luta para obter reconhecimento e prestígio, e que então usa esse prestígio para pegar um dos holofotes (que estão sempre voltados para os mesmos lugares) e mirar para onde todos se recusam a olhar — se recusam, de fato, a sequer querer saber que existe. Bacurau é um desses holofotes que mostra o que geralmente não se quer ver, e o que não se quer ver geralmente incomoda justamente por colocar o dedo na ferida aberta da sociedade. Há sempre um instante em que para o bem de todos e felicidade geral da nação é preciso expandir, nem que seja um pouco, o horizonte de expectativas com relação ao que a sociedade exige de cada um de nós: assim, de forma explícita, Bacurau mostra que isso é surpreendentemente possível apenas olhando ao redor. A sociedade só espera ver resultados, não sabe dizer como chegar até eles. Como “o que é de fora” nos dá uma familiaridade que nos faz sentir como se fôssemos “um deles”, enquanto nossa própria pluralidade, brasileira, parece tão distante de nós, tão alienígena a nós mesmos! O expectador se esquece de tudo o que não sejam “eles”, aprende a preencher, nesse espaço, sua existência e descobre como sabia pouco a respeito de si mesmo. Mas não, não somos um deles, não importa nossa cor de pele, a cor de nossos olhos, a espessura do fio de nossos cabelos, não importa quantos dígitos temos na conta bancária: nascemos aqui, falamos português, aos olhos de fora somos todos Bacurau, quer

queiramos quer não. Porque se nascemos numa região por assim dizer mais próspera, se não enfrentamos a falta de recursos básicos que os personagens que vivem em Bacurau enfrentam, isso se deve ao acaso, a um acidente geográfico, e com efeito isso não se deve a nada que nos torne melhores ou que torne nossas vidas mais valiosas. Bacurau é uma cidade fictícia, que é assim apenas para não dizer que se trata de um caso isolado — sendo fictícia pode representar com mais clareza todas as Bacuraus que se pode encontrar ao se aventurar pelo interior desse país gigante —; cidade distante dos grandes centros urbanos, minúscula, com tão poucos habitantes que eles conhecem uns aos outros, vivendo de sua própria subsistência e de forma colaborativa, sofrendo com a falta de recursos, com a seca e com o desamparo e a exploração de políticos corruptos. E o fato da história se passar no futuro nada tem a ver com problemas futuros: com exceção de uma e outra tecnologia usada para explorar suas hipóteses (premissas que devem ser aceitas sem as quais a trama simplesmente não pode seguir em frente), as questões abordadas são efetivamente bem atuais, tanto a realidade precária do lugar quanto as motivações que movem o argumento do filme. E como essa realidade é muito diferente dos grandes centros urbanos, Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles primeiro inserem com muita calma aquela vida pouco atribulada, o marasmo, as peculiaridades do lugar, os pontos em comum com a realidade dos grandes centros urbanos brasileiros — o intuito aqui é que o espectador se sinta como parte de Bacurau, como um morador daquele lugar. Não é por acaso que o filme começa com uma antiga moradora chegando a Bacurau; chegamos junto com ela na cidade, e ela nos conduz a um velório; ela é nossa representante em tela pelo menos num primeiro momento. A partir de então, muito habilidosamente, o roteiro a acompanha até nos apresentar e nos familiarizar progressivamente às várias figuras residentes ali; quando nos damos conta não demora para reconhecer o pessoal e o papel que cada um costuma desempenhar naquela restrita comunidade; assim, com a soma de todos os personagens, percebemos que nossa representante inicial já cumpriu sua função de nos levar e nos apresentar Bacurau. Pois quando a trama começa a se desenrolar fica claro de que se trata dos personagens não como peças de um intrincado quebra-cabeças, não como “partes constitutivas de algo maior”, mas da cidade como um todo. O filme é um monumento a Bacurau, porque os realizadores não se preocuparam em cortejar a cidade, com o sentimentalismo de quem celebra a terra natal. Eles falam *a partir* da cidade. Bacurau é seu megafone. A decisão de estender o primeiro ato é, portanto, necessária para experimentar como não é fácil viver naquela cidade esquecida e desprezada, para conhecer e se afeiçoar a um personagem tão pluridimensional — a própria Bacurau. Assim, como todos os personagens locais recebem a atenção da narrativa

como se fossem uma só e mesma coisa (o que significa que estão ligados numa unidade infinita, isto é, teriam sido gerados ao mesmo tempo, como natureza e consciência na origem do mundo), atingir um personagem significa atingir todos os personagens por inteiro, do mesmo modo que o corpo não consiste num só membro, mas em muitos membros de um só corpo. Não obstante a suave distopia implantada ao longo da narrativa, tudo soa real demais, o que deixa todos os acontecimentos ainda mais pesados. Por isso, a tentativa dos realizadores de mostrar aqui, no campo moral, a mesma dialética histórica com que nos deparamos no campo cultural, foi compreensível e, no conjunto, inteligente: por meio da violência uma cidade inteira se contrapõe aos horrores cometidos por meio da violência; em *Bacurau* a violência definitivamente não é cosmética, não é esculhambação escrachada com o intuito de entreter, à maneira do uso que Quentin Tarantino costuma fazer da violência em praticamente todos os seus filmes; aqui ela é dura, seca, pesada, angustiante. Não há qualquer espécie de ode à violência, bem entendido; mas, antes, é como se o filme através de seus personagens se envergonhasse de ter que recorrer à violência. No entanto, e justamente em consequência dessa destruição dialética, esse espaço continuará sendo espaço de imagens, e algo de mais concreto ainda: espaço do corpo. “É uma incrível sensação de alma lavada no ar!” O Deus de *Bacurau* não criou apenas o céu e a terra e o homem e o animal, mas também a vingança, a mesquinha, a crueldade. É assim que uma obra resgata a tradição do que foi entregue à destruição sob o protetorado do capitalismo. *Bacurau* nos enriqueceu com uma surpreendente demonstração de resistência político-popular, pela qual justamente em nosso tempo se renova o interesse e a compreensão.